

UM PESQUISADOR ELEGANTE E UM AMIGO CARINHOSO

ANA FANI ALESSANDRI CARLOS

Universidade de São Paulo

anafanic@usp.br

É com imenso pesar que me encontro diante do computador para escrever sobre Mauricio. Venho fugindo dessa responsabilidade há tempos. Sinto-me impotente, receosa de não me encontrar à altura para escrever algo sobre esse querido amigo. Tarefa extremamente difícil, em primeiro lugar, porque as amizades se realizam num plano em que a linguagem e a racionalidade da escrita não permitem expressão precisa. Em segundo, porque ele não está entre nós para se defender de alguma eventual discordância; e nós dois tínhamos muitas. E foram essas discordâncias que contribuíram de forma indiscutível não só para o meu trajeto acadêmico, mas também para a construção de uma rica amizade, posto que Mauricio, apesar de grande amigo (e, talvez, por isso mesmo), não me poupava de suas críticas ao meu jeito de pensar e de trabalhar.

Essas diferenças e discordâncias sedimentaram uma relação carinhosa e cheia de afeto, realizada num convívio intenso, através, particularmente, das reuniões do GEU (Grupo de Estudos Urbanos) ou dos SIMPURBs (Simpósios Nacionais de Geografia Urbana) e nas noitadas que se seguiam, regadas a vinho tinto e muita conversa.

Se é difícil escrever sobre nossa amizade, nada, porém, é mais fácil do que constatar a importância de seu trabalho de pesquisa que entra para a história, não só da Geografia, mas das disciplinas que contemplam a investigação da cidade. Não há futuro possível sem a compreensão do passado, o que Mauricio fez com brilhantismo a partir da Geografia.

Com a seriedade que o trabalho acadêmico, em tese, nos impõe, Mauricio Abreu debruçou-se em suas atividades de pesquisa, particularmente, sobre a cidade do Rio de Janeiro, o que nenhum de nós desconhece. Conhecer pro-

fundamente seu assunto de indagação foi sua marca registrada. Lembro que, para escrever um trabalho para o primeiro SIMPURB – que ainda não tinha esse nome – Mauricio veio a São Paulo para pesquisar em nossa biblioteca, o que deu origem a um artigo extremamente importante, intitulado “O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação (Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro)”. O modo como buscava a informação precisa, como mergulhava na poeira dos livros, como habitava o tempo da reflexão, até como comprava os livros, durante suas viagens, para montar cuidadosamente a biblioteca da pós-graduação na UFRJ, tudo era eivado de paixão.

Lembro-me de sua apresentação no colóquio de Geocrítica, na Cidade do México, onde explicava sua pesquisa na biblioteca, coletando dados e informações para produzir seu “quebra-cabeças” sobre os engenhos do Rio de Janeiro nos séculos XVI e XVII – que vínhamos acompanhando nas reuniões do GEU – e que mereceu um prêmio das mãos de Capel, o coordenador do evento.

A esta paixão pela pesquisa associava-se a dedicação à formação de pesquisadores e alunos na UFRJ – lugar privilegiado de suas atividades – que era para ele um ato realizado com entusiasmo envolvente (o que vem de dentro da alma, como sugere esta palavra em grego).

Podemos testemunhar, nós companheiros e amigos do GEU, que a trajetória da construção do seu saber transcende as artimanhas da autopromoção, das rivalidades e do produtivismo. Essa é outra grande contribuição que Mauricio fornece como chave para pensar nossa atividade na universidade de hoje, mergulhada na mesquinhez da competitividade.

Para os amigos, resta o consolo de ter tido o privilégio do compartilhamento cotidiano de suas descobertas, do convívio com uma pessoa extremamente elegante e afável. Uma perda que não consigo deixar de lamentar, pelo vazio que deixou. Mas uma ausência presente, pela sua herança.

16 de abril de 2012.